



Revista Igarapé
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

A CONCEPÇÃO DE ALTERIDADE EM LÉVINAS: Caminhos para uma Formação mais Humana no Mundo Contemporâneo

Juliano Xavier da Silva Costa¹
Renato Fernandes Caetano²

Resumo: Nesta pesquisa o objetivo é discutir o conceito de Alteridade e suas implicações para a formação humana no mundo contemporâneo a partir da obra Humanismo do outro homem de Emmanuel Lévinas. A filosofia levinasiana é marcada por duas fases: na primeira sua preocupação é com a tradução e observação da fenomenologia; logo após amadurece seus conceitos trazendo para tradição filosófica uma nova forma de pensar a filosofia a partir da ética da Alteridade, como filosofia primeira. A pesquisa, de cunho qualitativo e bibliográfico, se concentra no estudo da segunda fase e se fundamenta na obra citada e em comentadores. Observou-se que sua principal preocupação é o Outro. Depois de construir uma crítica radical à ontologia, Lévinas proclama que a ética é a filosofia primeira, onde esta se traduz na responsabilidade incondicional e irrecusável não só pelo Outro, mas também por todos os outros, rompendo assim com o egoísmo. Sua filosofia ajuda a refletir sobre a importância da Alteridade, que nos leva, por meio da educação e da ética, a uma vida mais humana no mundo contemporâneo. Desta forma, torna-se possível perceber a influência que sua ética da alteridade exerce sobre o homem contemporâneo, exigindo dele a responsabilidade para com o Outro.

Palavras-chave: Outro. Rosto. Ética. Alteridade. Educação.

ABSTRACT

The goal of this research is to discuss the concept of Alterity and its implications for human development in the contemporary world from the work of "another man Humanism" by Emmanuel Levinas. The Levinasian philosophy is marked by two phases. The first phase demonstrates his concern with the translation and observation of phenomenology, and the second creates a new philosophical tradition by creating a new way of thinking about philosophy from the ethics of alterity. The research, qualitative and bibliographical in nature, focuses on the study of the second stage, based on the aforementioned work and commentators. It was observed that their main concern is the Other. After building a radical critique of ontology, Lévinas declares that ethics is first philosophy, where it translates into

1 FCR – Faculdade Católica de Rondônia. Departamento de Filosofia. Pós-graduando em Metodologia do Ensino Superior (FCR) e Licenciado em Filosofia (FCR). Porto Velho – RO – Brasil. CEP: 76.801-132. E-mail: julianoxavier89@hotmail.com.

2 FCR – Faculdade Católica de Rondônia. Departamento de Filosofia. Coordenador do Curso de Licenciatura em Filosofia da FCR, Mestre em Educação (UNIR), Especialista em Filosofia: Ensino da Filosofia (FCR), Licenciado em Filosofia (CEUCLAR). Porto Velho – RO – Brasil. CEP: 76.801-132. E-mail: renatusfc@hotmail.com.



unconditional and undeniable responsibility not only for the Other, but also for all the others, thus breaking with selfishness. His philosophy helps to reflect on the importance of Alterity, which leads us, through education and ethics, to a more human life in the contemporary world. Thus, it becomes possible to see the influence that his ethics of alterity carries on contemporary man, demanding him responsibility for the Other.

Keywords: Other. Face. Ethics. Alterity. Education.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho trata da preocupação que permeia a quarta e última etapa do desenvolvimento do pensamento do pensador Emmanuel Lévinas³. Onde encontra-se com grande ênfase a “ética como filosofia primeira”, na qual o autor chega ao conceito de Alteridade. Para o filósofo a Alteridade, na contemporaneidade, torna um fator contribuinte para a busca de uma forma mais humana de se viver em sociedade, onde cada um deve ter responsabilidade pelo próximo. Daí decorre o objetivo deste trabalho que é discutir o conceito de Alteridade e suas implicações para a formação humana no mundo contemporâneo a partir do pensamento de Emmanuel Lévinas, tendo com o foco a obra *Humanismo do outro homem*.

É preciso refletir sobre as ações em relação ao outro que, assim como eu e você, reflete a imagem e semelhança de Deus. Muitas pesquisas feitas por antropólogos e cientistas sociais fazem lembrar e refletir que o “eu – individual” só é permitido mediante um contato com o outro.

Lévinas foi um herdeiro da linguagem fenomenológica, tendo sido aluno de Husserl e Heidegger, e desde seu primeiro escrito buscou solidificar seu sistema filosófico por meio de um pensamento que refletisse radicalmente o conceito de Alteridade.

Portanto, mas do que buscar entender a Alteridade, Lévinas percorre um caminho diferente, no qual aborda novas propostas de como viver a ética na convivência com o próximo e assim chegar à Alteridade, o que permite vislumbrar em seu pensamento caminhos

3 O filósofo Emmanuel Lévinas, nasceu em 30 de novembro de 1906 na Lituânia, onde completou os estudos secundários. Emigrou para a França, realizando aí seus estudos filosóficos. Aprofundou-se no estudo da fenomenologia com Husserl e Heidegger. Ocupou a cátedra de filosofia nas universidades de Poitiers, Paris-Nanterre e na Sorbone. O enfoque nos problemas essenciais da sociedade faz do pensamento de Lévinas algo novo e original e o torna um autor profético, decisivo no campo da filosofia contemporânea.



Revista Igarapé
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

para se pensar a educação e uma formação mais humana. Esse novo pensamento contemporâneo vem desafiar a todos quanto às falhas no relacionamento com o próximo e leva a buscar uma integração harmoniosa com o outro que se revela no cotidiano, não como outro qualquer, mas como aquele que assim como eu e você, também é imagem e semelhança de Deus.

Percebe-se que na obra *Humanismo do outro homem*, Lévinas faz uma crítica profunda na forma que os homens mantêm suas relações com o próximo. Na contemporaneidade as pessoas agem não tendo responsabilidade para com seu próximo, cada um fecha-se no egoísmo, preocupando-se apenas com seu ser. É a partir deste contexto que Lévinas deixa claro que “não se pode haver sentido no ser senão aquele que não se mede pelo Ser”. Essa sua proposta vai mais profundo, tentando despertar no homem a sensibilidade pelos seus semelhantes, que está expressa no Rosto⁴ de cada pessoa. É a partir do Rosto que aprendemos a ser mais humanos, onde encontramos a verdadeira Alteridade, no acolhimento do Outro.

Assim, busca-se objetivar o pensamento levinasiano a partir de seus conceitos, na responsabilidade ao próximo, contraída no gesto ético, que deverá nortear a concretização da Alteridade para a consolidação de uma sociedade mais humana, fraterna e solidária.

Portanto, a Alteridade que a pesquisa tenta precisamente descrever é a aproximação além da representação, sublinhado no ser e na presença que a re-presentação lhe confere para além de sua contingência ontológica – sua colocação em questão moral, seu apelo à justificação, ou seja, sua pertença à intriga da Alteridade imediatamente ética (LÉVINAS, 2002, p. 212).

2 O CONCEITO DE ALTERIDADE EM EMMANUEL LÉVINAS

⁴ Na obra o autor utiliza os conceitos Rosto, Outro, Alteridade, Ser, Responsabilidade e etc., sempre com a primeira letra em maiúscula, para diferenciar tais conceitos do uso comum, e aqui optou-se por manter conforme no original.



Revista Igarapé
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

Emmanuel Lévinas não foi o criador nem o primeiro filósofo a desenvolver o conceito de Alteridade. Conforme o *Dicionário de Filosofia* de Abbagnano (2007, p. 35) o termo significa: “Ser outro, pôr-se ou constituir-se como outro”. É nessa dimensão de constituir-se para Outro, através de seu Rosto, onde a partir daí devemos desenvolver a sensibilidade da Responsabilidade com o Outro. Dessa forma, Lévinas (2009) ao pensar diferente daquela ontologia Ocidental, busca fundamentar de uma forma concreta sua filosofia primeira, em sua nova ética.

O pensador lituano, usando o apoio da história – que é de suma importância para entender Emmanuel Lévinas –, assim como outros filósofos, busca uma saída para o contexto em que se encontrava a sociedade de sua época. Seu contexto foi um tempo marcado pela morte, dor e sofrimento. As guerras mundiais trouxeram uma grande crise para a humanidade e a sociedade. O pensador Emmanuel Lévinas, junto com toda sociedade, vivencia momentos de torturas e destruições. Nesta realidade aparece a redução das pessoas – do *outro* – ao nada (GOMES, 2008, p. 14). Dentro desses fatos desastrosos para toda a humanidade, Lévinas percebe o quanto é necessário à revalorização do sentido ético do humano e do respeito às diferenças; refletindo sobre a importância do reconhecimento do Outro e convida a todos a assumir uma sociedade plural, fraterna e pacífica. O próprio Lévinas teve a maior parte de seus familiares assassinados por nazistas, menos sua esposa e filha, que foram protegidas por amigos. Em uma rara observação autobiográfica, ele diz que sua vida fora dominada pela memória do horror nazista (LÉVINAS, 2006, p.13).

O período contemporâneo é marcado não só pelas grandes produções de artigos bélicos, mas também pela abundância de objetos oriundos do progresso científico e do desenvolvimento tecnológico expostos ao consumo. A racionalidade do ser humano, com todo aquele desejo de mudança e crescimento, gerou um controle de tudo e de todos, levando a humanidade a uma crise sem precedentes. O século XX não conseguiu cumprir a promessa de uma melhor condição de sobrevivência, e reduziu o **outro** ao **não-ser absoluto**, e essa dimensão vem se prolongando neste início de século:



Revista Igarapé
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

O ser humano contemporâneo é um sujeito frágil, subjugado pela sua própria criação e que a cada novo avanço científico-tecnológico se torna mais dependente de sua produção. Esta fragilidade, esta dependência do homem na contemporaneidade se contrapõem ao que se esperava concretizar com a racionalidade e o humanismo apregoados. (GOMES, 2008, p. 25).

O ser humano com seu modelo racional humanista da sociedade contemporânea cometeu um grande erro na compreensão de mundo, fechado em si mesmo, onde tenta se impor sobre o outro, buscando o modelo da concorrência e da competitividade, dando mais valor as coisas e objetos do que ao ser humano.

Lévinas faz sua crítica à filosofia Ocidental, que coloca a ontologia como filosofia primeira, por se tratar do Ser. A ontologia para Lévinas (2009) é egocêntrica, no decorrer da história só se preocupa com o Eu, a ontologia trata o Eu como centro do Universo. Frente a essa concepção, Lévinas (2009) propõe uma nova filosofia a partir da ética como filosofia primeira, abordando o conceito de Alteridade como princípio da relação humana.

Para entender Emmanuel Lévinas é preciso pensar diferente, pois sua proposta de filosofia é provocante. É preciso aprender a conhecer o que não se pode conhecer (PIVATTO, 2011). Trata-se de um dos maiores desafios do ser humano, conhecer o que não se conhece no outro, entender o *ente*, o ser, ou qualquer outro conceito que venha descrever ou definir o ser humano. Lévinas (2009) deixa claro sua preocupação com a relação ética, pois ao olhar a outra pessoa deve-se guardar uma distância, não uma distância de temor, frieza ou de medo, mas uma distância de respeito pelo que a pessoa é e representa.

No entendimento de Emmanuel Lévinas (1993, p. 82) “a crise do humanismo em nossa época, tem sem dúvida, sua fonte na experiência da ineficácia humana posta em acusação pela própria abundância de nossos meios de agir e pela extensão de nossas ambições”.

Nesse sentido, toda a reflexão de Lévinas tem origem na denúncia dessa totalidade. A totalidade que conduziu o Ocidente a manter uma civilização que almeja o poder e a dominação através da busca incessante de inovações científicas e tecnológicas. A consequência direta dessa totalidade é uma sociedade na qual o sujeito encontra-se enclausurado em si-mesmo, preso ao seu desejo de poder e de produção de consumo:



Revista Igarapé
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

Essa proposta filosófica de Lévinas mostra-se crítica das demais sabedorias que se autoproclamaram humanistas. A crise dos humanismos, para ele, manifesta a ineficácia da ambição humana e a precariedade da concepção de homem. O fim do humanismo, a morte de Deus e a morte do homem são as declarações mais absurdas que a sabedoria ocidental já fez. O fruto mais absurdo do totalitarismo do conceito foi a *Realpolitik* e todas as manifestações totalitárias que resultaram em guerras, mortes, perseguições político-religiosas e exclusões de *órfãos, viúvas e estrangeiros*. Os sistemas racionalistas ocidentais faliram porque transformaram o homem num ser submetido ao conceito e enclaustrado ao limite da razão e da sua absurdidade. (MELO, 2003, p. 21).

Percebe-se que essa racionalidade vinculada no fechamento do indivíduo é voltada para um desenvolvimento que reproduz no sujeito um egoísmo totalitário que se expressa no anti-humanismo, na barbárie das lutas, guerras e mortes.

No livro *Humanismo do outro homem*, Lévinas faz uma crítica da forma em que o ser humano vem fundamentando seu humanismo. Com o ar de tristeza Emmanuel Lévinas coloca seu ponto de vista da seguinte forma: “O estudo do homem, imbricado numa civilização e economia que se tornaram planetárias, não se pode limitar a uma tomada de consciência: sua morte, seu renascimento e sua transformação acontecem, doravante, longe dele mesmo” (LÉVINAS, 2009, p. 91). O homem nesse momento da história não consegue pensar, refletir, sobre a sua essência. Daí, segundo Lévinas, a aversão por certa pregação em que caiu – apesar de sua ciência e suas audácias de antanho – o humanismo Ocidental ao se estabelecer na ambiguidade notável das “belas palavras”, das “belas almas”, sem atingir o real de violência e de exploração. Todo o respeito pelo “mistério humano” é denunciado, conseqüentemente, como ignorância e opressão (LÉVINAS, 2009, p. 92). Portanto, percebe-se durante esse período da escassez do sentido humanitário, que o homem pensa estar vivendo seu apogeu, onde na verdade está se afundando em suas mazelas.

A ética (ou metafísica) põe em questão essa liberdade do sujeito cognoscente (COSTA, 1998, p.25). Lévinas coloca em questão a metafísica buscando um caráter eminentemente crítico. Não colocando em questão a ordem da racionalidade ontológica e sim no âmbito da racionalidade ética *pré-originária*. Âmbito em que se dá o encontro de um ente-



Revista Igarapé
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

humano frente a outro ente-humano antes de iniciar-se a tematização recíproca das respectivas equidades (COSTA, 1998, p.26).

Nesse contexto do **face-a-face**, nessa experiência que para Emmanuel Lévinas nasce a sua nova dimensão da **ética primeira**. Fundada no Rosto do outro, levando para a possibilidade de universalização da razão:

As necessidades elevam as coisas, simplesmente dadas, ao nível de valores. Admiravelmente retas e impacientes na sua visada, as necessidades não se concedem múltiplas possibilidades de significação senão para escolher a via única ao ser, não ao celebrá-lo, mas ao trabalhá-lo. (LÉVINAS, 2009, p.37).

Em Lévinas não se tem como pensar a Alteridade sem analisar o conceito de Rosto, muito importante em sua filosofia. Nesse conceito se expressa, para o pensador lituano, a essência do ser humano de forma concreta. Para Lévinas o Rosto é algo de suma importância na relação **infinita** do ser humano:

O Outro que se manifesta no Rosto perpassa, de alguma forma, sua própria essência plástica, como um ser que abraça a janela onde sua figura, no entanto já se desenhava. Sua presença consiste em se despir da forma que, entretanto, já a manifestava. Sua manifestação é um excedente (*surplus*) sobre a paralisia inevitável da manifestação. É precisamente isto que nós descrevemos pela fórmula: o Rosto fala. (LÉVINAS, 2009, p.51).

Portanto, pode-se observar que para Lévinas a primeira manifestação do ser humano está no Rosto. Nossa consciência é questionada pelo Rosto, esse questionamento é nossa tomada de consciência, onde somos responsáveis pelo outro. Lévinas deixa bem claro que “O Eu (*Moi*) diante do *Outro* é infinitamente responsável” (LÉVINAS, 2009, p.53).

A partir desses conceitos até aqui analisados, pode-se fazer uma chave de leitura, buscando entender essa crítica que Lévinas faz em seu livro *Humanismo do outro homem*, onde o ser humano não está preocupado com o **face-a-face**, nem muito menos com Rosto do próximo. O que tem poder e domínio nesse mundo contemporâneo é a questão econômica e política, esquecendo-se muitas vezes da qualidade de vida do ser humano.



Observa-se que Lévinas (2009) vem reativar a questão do humanismo, buscando uma moral capaz de proteger o homem contra o próprio homem. Com isso, percebe-se que quem fracassou não foi o humanismo, mas sim as interpretações que foram feitas dele. Um humanismo defasado com esquemas simplista e rígido, esquecendo-se dos grandes valores que abrigava em si. Daí decorre a necessidade de se abordar a questão do grau de consciência do homem em relação a sua concepção de Alteridade.

3 O GRAU DE CONSCIÊNCIA DO HOMEM EM RELAÇÃO À ALTERIDADE

Ao observar o homem com rigor a partir do pensamento de Emmanuel Lévinas, percebe-se o **Desejo do Outro**, que mesmo nas mais banais experiências cotidianas na sociedade é um movimento fundamental na vida de cada pessoa:

A Alteridade não é apenas uma qualidade do outro, é sua realidade, sua instância, a verdade do seu ser e, por isso, para nós, torna-se muito fácil uma permanência na coletividade e na camaradagem – difícil e sublime é co-habitar com a diferença, é viver o eu-tu profundamente (HADDOCK-LOBO, 2006. p. 48).

Assim, entende-se que para Lévinas existe no homem certo grau de consciência em relação à Alteridade. Consciência que talvez em alguns casos não fica clara na vida do ser humano. A nossa sociedade capitalista não conduz o ser humano a amadurecer a ideia de “co-habitar com a diferença”, e muito menos nos ajuda a viver o “eu-tu profundamente”.

Quando se pensa e analisa a filosofia da ética antiga, baseada na ontologia do Ocidente, não fica difícil perceber o porque Lévinas crítica esse pensamento antigo, do qual a nossa sociedade ainda tem muito em comum. A ética antiga era pensada para um pequeno grupo, para a elite aristotélica. A ética não era pensada para os pobres, mulheres, órfãos e viúvas, a ética favorecia simplesmente uma vontade de uma pequena elite. Talvez não seja muito diferente no mundo contemporâneo. Para se ter como base e repensar a proposta de Lévinas, Costa assim se expressa:



Revista Igarapé
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

O “ser para o outro”, constitutivo da subjetividade e da intersubjetividade, é o conteúdo ético por excelência e o filosoficamente primeiro, anterior a toda anterioridade, proposta ao Ocidente pela via do diálogo e com uma pretensão universal de validade que atinge a esfera do humano. (COSTA, 2000 p.50).

Ou seja, antes mesmo de antes de toda **anterioridade**, somos um **ser para o outro**, segundo Lévinas (2000). Por isso, que sua filosofia é intitulada como **filosofia primeira**, é pensada de uma forma diferente, partindo para a dimensão do diálogo com o Outro (LÉVINAS, 2009).

O mundo – a partir do momento em que a gente se afasta das humildes tarefas cotidianas – e a linguagem – logo que a gente se afasta da conversa banal – perderam a **univocidade** que nos autorizaria a pedir-lhes os critérios do significativo (*sensé*) (LÉVINAS, 2009, p.40). Aí está a denúncia de Lévinas, buscando chamar a atenção das pessoas para acordarem e não deixar passar despercebido o que elas têm de mais importante na vida: simples atos, como uma conversa banal com seu próximo, o relacionamento, onde sem isso nos afastamos da nossa univocidade.

Para Lévinas (2009, p.43) a filosofia contemporânea se compraz na multiplicidade das significações culturais e no jogo infundável da arte, com isso o ser humano se recusa a Alteridade. Sendo assim, não há um engajamento no Outro, a expectativa preferida à ação, a indiferença em relação aos outros, a alergia universal da primeira infância dos filósofos. Emmanuel Lévinas deixa claro seu ponto de vista: “nossa época não se define pelo triunfo da técnica pela técnica, como não se define através da arte pela arte, e nem se define pelo niilismo. Ela é ação por um mundo que vem, superação de sua época – superação de si que requer a epifania do Outro” (LÉVINAS, 2009, p.46).

O **Desejo do Outro** – a socialidade – nasce num ser que não carece de nada ou, mais exatamente, nasce para além de tudo o que lhe pode faltar ou satisfazê-lo (LÉVINAS, 2009, p.49). Nesse ponto Lévinas mostra que o Desejo pelo Outro está muito além do interesse, no qual a sociedade da época estava vinculado. Com isso, o pensador lituano já deixa claro que nosso papel não é completar ou somar com o próximo, mais simplesmente ter a **responsabilidade** de assumir o Outro independentemente de quem seja. A relação com o



Outro questiona-me, esvazia-me de mim mesmo e não cessa de esvaziar-me, descobrindo possibilidade sempre novas (LÉVINAS, 2009, p. 50). É nesse contínuo esvaziar-se frente ao face-a-face que os seres humanos amadurecem a dimensão do verdadeiro humanismo: “O Desejo do Outro, que nós vivemos na mais banal experiência social, é o movimento fundamental, o elã puro, a orientação absoluta, o sentido” (LÉVINAS, 2009, p. 49).

Para Lévinas a filosofia contemporânea insiste na razão, vinculado ao homem que se exprime na cultura, esquecendo-se dessa outra dimensão, a direção para **Outrem** que além de interlocutor e sem o qual nada teria sentido em nossas vidas. Daí a necessidade de se pensar o valor da Alteridade para a sociedade contemporânea, marcada pelo egoísmo e o individualismo, e para a educação.

4 O VALOR DA ALTERIDADE PARA A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

A crise do humanismo em nossa época tem, sem dúvida, sua fonte na experiência da ineficácia humana posta em acusação pela própria abundância de nossos meios de agir e pela extensão de nossas ambições (LÉVINAS, 2009, p. 71). Dentro desta visão do humanismo fracassado de nosso tempo, cabe a pergunta: de fato existe algum valor para a Alteridade proposta por Emmanuel Lévinas? O próprio pensador lituano denuncia que “o contra-senso dos vastos empreendimentos frustrados – em que política e técnica resultam na negação dos projetos que os norteiam – mostra a inconsistência do homem, joguete de suas obras” (LÉVINAS, 2009, p.71). O homem, com toda sua racionalidade, apostou tudo que tinha numa forma de sociedade egoísta, tecnicista, capitalista, onde o valor do ser humano fica em último lugar, se vê forçado a repensar seus planos, por causa da miséria provocada por suas ações. Mortes em massa, miséria, fome, é o quadro geral da nossa situação precária contemporânea.

Percebe-se sem muito esforço que a própria ineficácia da ação humana ensina a precariedade do conceito: homem. Será agora em meio a tanta turbulência do mundo capitalista que o homem terá consciência de que não está sozinho no mundo, e que esse mundo exige dele uma responsabilidade com o Outro?



Revista Igarapé
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

Para Emmanuel Lévinas (2009) a importância de entender um pouco a questão da liberdade está no fato de ser inerente a cada um a responsabilidade pelo Outro:

A passividade pura que precede a liberdade é responsabilidade. Mas a responsabilidade que não deve nada à minha liberdade é minha responsabilidade pela liberdade dos outros. Lá onde eu teria podido permanecer como espectador, eu sou responsável, em outros termos, tomo a palavra (LÉVINAS, 2009, p. 77).

É nessa busca de assumir a Responsabilidade pelo Outro, expressada no Rosto, que cabe a cada um tornar-se humano com o próximo. É a partir da responsabilidade, expressa no Rosto, no face-a-face da vida cotidiana, que se tem um valor pela Alteridade. Valor tão importante para sociedade e que por muito tempo os filósofos vem tentando resgatar.

Observa-se a partir desta pesquisa que a lei fundadora da Alteridade levinasiana, baseada no conceito de Rosto e de Responsabilidade para chegar à ética, não pode ser entendida e respondida sem a dimensão da sensibilidade. Nesse sentido, afirma Costa:

É a sensibilidade de um-para-o-outro, que permite a um receber o outro. Um ser humano sensível e singularizado que recebe sensivelmente o outro, como comida saborosa que alimenta, como roupa que cobre e agasalha, como a água que mata a sede, como teto que cobre, etc. Um ser humano sensível e singularizado que recebe sensivelmente o outro ser humano como uma Alteridade que lhe está concernida quando este lhe aparece com fome, frio, sede, enfermo, sofrimento, pobre, indigente, etc. (COSTA, 1998, p. 167).

Portanto, nessa dimensão da sensibilidade o ser humano é aberto para o Outro, que necessita da sua atenção. A sensibilidade seria o caminho para uma melhor relação e compreensão do ser humano. A vulnerabilidade diante do próximo seria o processo de amadurecimento de cada ser humano.

No âmbito da ética da Alteridade, o ser humano se torna acolhedor de todo Outro que ao Eu se apresenta interpelando a responsabilidade. A dimensão da Alteridade pensada por Lévinas, provoca uma mudança interior, aspirando uma sociedade melhor para se viver. Calcado na subjetividade acolhedora do Rosto, o direito não se reduzirá a uma racionalidade procedimental que dita códigos, normas, responsabilidade, mas se tornará promovedor da paz e do bem para todos (LÉVINAS, 2005, p. 294).



Portanto, esse valor está expresso na convivência do verdadeiro humanismo, na Responsabilidade por outrem, na misericórdia, na bondade, às quais apela o Rosto do Outro, que todo discurso de Alteridade se põem a caminho na contemporaneidade.

5 A IMPORTÂNCIA DA ALTERIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR–ALUNO: POR UMA EDUCAÇÃO MAIS PROFÍCUA

A Alteridade tem uma dimensão muito ampla no cotidiano da vida. Mas vemos dentro dessas dimensões a relação professor e aluno na educação escolar, como um fator primordial na contemporaneidade. A relação de Alteridade estabelecida entre professor e aluno em sala de aula, pode contribuir para um ambiente mais tranquilo facilitando ao professor efetuar bem seu papel e, assim, o aluno terá uma probabilidade maior na aprendizagem e na sua formação humana.

Quando se pensa na relação professor e aluno dentro de um conceito de Alteridade, não estamos só imaginando algo de embasamento teórico, não desmerecendo a teoria, mas caímos dentro de uma dimensão prática também, tendo dessa forma um privilégio da prática, vivenciada no cotidiano do ambiente escolar. Essa prática é reconhecida na “participação livre e crítica dos educandos” (FREIRE, 2011, p. 9).

Quando se pensa uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política (FREIRE, 2011, p.19) está-se interligando os laços humanos, pois, dessa forma não se está enquadrando só uma educação individual, mais voltada para uma sociedade, para uma cultura, que aspiram por viverem melhor em sociedade. Portanto, pode-se dizer assim como Paulo Freire que “existir é um conceito dinâmico. Implica uma dialogação eterna do homem com o homem. Do homem com seu Criador” (FREIRE, 2011, p. 12). Pode-se ter presente dentro dessa dialogação a Alteridade, como um princípio de humanização, de reconhecimento do Outro, e assim, chegamos ao Desejo do Outro.

Se reportando a questão histórica do Brasil no desenvolvimento da Educação, percebe-se que no seu início a educação não era pensada de uma forma que pudesse favorecer a todos. O pobre, o negro, escravos e mulheres, não tinham a oportunidade de estudar. Dessa



Revista Igarapé
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

forma a educação era totalmente voltada para quem era da nobreza, para o burguês e o clero. Contudo, esse paradigma vem mudando no decorrer da história. Embora hoje se tenha outro contexto dentro da educação, percebe-se a carência na educação das Escolas Públicas do País, e fica visível que quem tem dinheiro consegue uma formação de qualidade e acesso as melhores universidades e cursos.

Portanto, quando se pensa a Alteridade para o ambiente escolar é exatamente como diz ditado popular “não deseja ao próximo o que não queres que aconteça contigo”. Todo ser humano independentemente de sua raça, cor e condições financeiras, deve ter o direito a uma educação de qualidade. E a relação professor e aluno deve transcender esse ambiente escolar, de forma que ambos se sintam respeitados e amados. Sabe-se que a sociedade prega descaradamente o individualismo e a competição, e deve-se ter cuidado para que essas concepções não entrem na sala de aula.

Observa-se que os conceitos de Alteridade, Rosto, Outro e Responsabilidade, que formam a ética de Lévinas e que foram salientados acima, são fundamentais para se pensar a Educação no mundo contemporâneo e para se pensar uma formação humana mais enraizada nos princípios do humanismo e do valor da vida. Assim, nota-se que a partir do pensamento de Lévinas pode-se vislumbrar caminhos para a Educação e a toda a prática educacional.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início desta pesquisa pode-se perceber, em certa medida, críticas à sociedade atual, à noção de homem moderno e contemporâneo, especialmente, à estruturação do humanismo. Nesse contexto, o pensamento de Emmanuel Lévinas aparece com grande ênfase na medida em que revela a dimensão da realidade anti-humanista do tempo contemporâneo, e a parti daí aponta para uma nova solução fundada na ética da Alteridade.

Como discutido, para Emmanuel Lévinas foi a racionalidade baseada na ontologia Ocidental que levou o homem ao fechamento em-si-mesmo, reduzindo o Outro ao Mesmo, numa sociedade vinculada ao egoísmo, individualismo e na qual cada um só se preocupa com suas satisfações. Dentro desse contexto os conceitos apresentados por Lévinas e aqui



Revista Igarapé
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

discutidos se apresentam como alternativas na busca de uma justiça e de uma ética da Alteridade, onde valoriza-se a abertura do Eu ao Outro e que pode trazer contribuições significativas para a Educação.

Lévinas, destruindo essa concepção da criação do Ser como totalitário, fechado em-si-mesmo, sugere que o homem encontre sua verdadeira raiz na ética, que o conduz a compreender a responsabilidade do Eu para com Outro, constituindo assim a essência da vida humana. Nesse sentido, o autor rompe com a tradição antiga de se pensar o Ser para si-mesmo. Com uma visão de vida do homem marcada pelo capitalismo, percebe-se que o Ser dentro deste sistema está reduzido, preocupado simplesmente com sua existência, deixando de lado a responsabilidade pelo Outro, tornando-se assim insensível ao Rosto que fala e até mesmo insensível ao Rosto que se educa.

Observa-se que Lévinas prova que a melhor forma de se viver em sociedade é amadurecendo essa dimensão que todo ser humano tem da sensibilidade e da responsabilidade pelo próximo. Esse processo de transformação começa pelo Rosto que fala.

Para Lévinas, na medida em que a sociedade continuar elevando o sentido do Ser (nos moldes da ontologia Ocidental), como algo prioritário em sua forma de organização, a ética da Alteridade não acontecerá, pois não haverá lugar para o cuidado do próximo e a Responsabilidade com o Outro.

Para superar essas barbáries de nosso tempo, a inumanidade da civilização contemporânea, é preciso que haja essa abertura do Eu ao Rosto do Outro, conforme nos convida Lévinas e se concretiza na concepção de sua ética da Alteridade. E neste contexto a Educação tem papel preponderante, pois é por meio dela que as pessoas tomam contato com a realidade, com o mundo e podem aprender essa abertura ao Outro. Conforme exposto, Lévinas propõe que é na abertura, na sensibilidade, do Eu ao Outro, na saída do em-si-mesmo, que o sujeito se torna responsável pelo seu próximo e encontra o seu próprio sentido de vida, realizando a justiça.

Essa alternativa de Lévinas aponta uma saída para a sociedade contemporânea em crise pelas guerras, pelos protestos e fruto do homem fechado em-si-mesmo, que gera inúmeras mortes, fome, violências e um verdadeiro descaso com raça humana. A aposta de



Revista Igarapé
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

Lévinas pela ética da Alteridade indica caminhos e saídas para uma formação e uma educação mais humana.

Daí decorre que para Lévinas o ato de humanidade nasce na responsabilidade pelo Outro, na relação da Alteridade pelo Outro. Pois, é a partir da Alteridade que surge a possibilidade, no interior do Eu, de sair do egoísmo, do isolamento, do individualismo, nascendo assim uma sociedade mais justa, solidária e fraterna.

Portanto, ficou claro que o pensamento de Lévinas é uma denúncia da violência entre os homens e uma defesa da ética da Alteridade como um dos recursos possíveis à realização do sentido profundo do ser humano e da Educação.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- COSTA, Márcio Luís. **Lévinas uma introdução**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- GOMES, Carla Silene C. L. B. **Lévinas e o outro: a ética da alteridade como fundamento da justiça**. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em:
<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/teste/arqs/cp113166.pdf>> Acesso em: 10 de janeiro de 2014.
- HADDOCK-LOBO, Rafael. **Da existência ao infinito: Ensaio sobre Emmanuel Lévinas**. São Paulo: Loyola, 2006.
- LÉVINAS, Emmanuel. **De Deus que vem à ideia**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.
- _____. **Entre Nós**. Ensaio sobre alteridade. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005.
- _____. **O humanismo do outro homem**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1993.
- _____. **O humanismo do outro homem**. 3ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.



Revista Igarapé
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

MELO, Nélcio Vieira de. **A ética da alteridade em Emmanuel Lévinas**. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

PIVATTO, Pergentino Stefano. Ética e diferença no pensamento contemporâneo – 2ª SAEFIL da PUCRS, 2011. **Vídeo**. Disponível em: <

<http://www.youtube.com/watch?v=usbBdOaDg2Y>> Acesso em: 12 de janeiro de 2014.